

Relações de poder e produção de subjetividades no filme “Praça Paris”

Power relations and the production of subjectivities in the film “Praça Paris”

Maria Clara Alves de Barcellos Fernandes¹, Gyovana de Oliveira Ferreira², Sarah Pires Jandre Mataruna³

Como citar esse artigo. FERNANDES, M. C. A. B. FERREIRA, G. O. MATARUNA, S. P. J. Relações de poder e produção de subjetividades no filme “Praça Paris”. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 16, n. 2, p. 148-155, jun./ago. 2025.



Resumo

O artigo analisa as dinâmicas de poder apresentadas no filme Praça Paris (2017), dirigido por Lucia Murat, em que se destaca as relações familiares, sociais e institucionais das personagens principais, Camila e Glória. A partir das perspectivas teóricas de Michel Foucault e Achille Mbembe são discutidos conceitos como relações de poder, necropolítica e desigualdade estrutural. Discutir esses conceitos no âmbito das interações entre Camila e Glória permite compreender como as estruturas de poder operam para definir privilégios, vulnerabilidades e subjetividades. A pesquisa adota um enfoque qualitativo, ancorado na análise filmica e na revisão bibliográfica. Para a análise do filme, utilizou-se a técnica da análise interpretativa, considerando aspectos narrativos, discursivos e estéticos que evidenciam as relações de poder e desigualdade estrutural. A revisão bibliográfica seguiu um critério sistemático de seleção de fontes acadêmicas, priorizando livros, artigos científicos e teses que abordam os conceitos de Michel Foucault e Achille Mbembe, bem como estudos sobre racismo estrutural e desigualdade social. Nesse sentido, o artigo justifica-se por trazer à tona reflexões essenciais sobre os mecanismos que sustentam essas desigualdades e o impacto que exercem sobre os indivíduos, especialmente sobre aqueles pertencentes a grupos historicamente marginalizados. O trabalho aborda as tensões entre privilégios e opressões em uma sociedade marcada por racismo estrutural e desigualdades de classe, mostrando como essas relações produzem subjetividades.

Palavras-chave: Relações de Poder; Necropolítica; Praça Paris.

Abstract

The article analyzes the dynamics of power presented in the film Praça Paris (2017), directed by Lucia Murat, highlighting the family, social, and institutional relationships of the main characters, Camila and Glória. Drawing on the theoretical perspectives of Michel Foucault and Achille Mbembe, concepts such as biopower, necropolitics, and structural inequality are discussed. The research adopts a qualitative approach, anchored in film analysis and bibliographic review. To analyze the film, the technique of interpretative analysis was used, considering narrative, discursive and aesthetic aspects that highlight power relations and structural inequality. The bibliographic review followed a systematic selection criterion for academic sources, prioritizing books, scientific articles and theses that address the concepts of Michel Foucault and Achille Mbembe, as well as studies on structural racism and social inequality. In this sense, the article is justified by bringing essential reflections on the mechanisms that sustain these inequalities and their impact on individuals, particularly those belonging to historically marginalized groups. The study addresses the tensions between privilege and oppression in a society marked by structural racism and class inequalities, demonstrating how these relationships shape identities and subjectivities.

Keywords: Power Relations; Necropolitics; Praça Paris.

Afiliação dos autores:

¹Doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Professora do Curso de Psicologia da Universidade de Vassouras, Maricá, Rio de Janeiro, Brasil.

²Graduanda em Psicologia da Universidade de Vassouras, Maricá, Rio de Janeiro, Brasil.

³Graduanda em Psicologia da Universidade de Vassouras, Maricá, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail de correspondência: mcbarcellos@gmail.com

Recebido em: 23/12/2024. Aceito em: 16/05/2025.

Introdução

As relações de poder permeiam todas as esferas da vida humana, sendo influenciadas por fatores históricos, sociais e culturais. O filme *Praça Paris* (2017) da diretora Lucia Murat apresenta uma narrativa que expõe de forma contundente as dinâmicas de poder em diferentes níveis, abordando temas como violência, desigualdade social, racismo estrutural e a construção de subjetividades. *Praça Paris* (2017) é um drama que explora as profundas desigualdades de classe e raça na sociedade brasileira por meio da relação entre Camila, uma psicóloga branca de classe média, e Glória, uma mulher negra periférica que busca terapia para lidar com traumas decorrentes da violência estrutural.

Assim, este artigo propõe uma análise dessas dinâmicas à luz das teorias de Michel Foucault e Achille Mbembe, investigando como o poder opera nas esferas familiares, sociais e institucionais representadas no filme. Além disso, explora-se o impacto dessas relações nas vivências das protagonistas, destacando o papel do privilégio e da opressão na sociedade brasileira contemporânea.

Discutir esses conceitos no âmbito das interações entre Camila e Glória, as protagonistas do filme, permite compreender como as estruturas de poder operam para definir privilégios, vulnerabilidades e subjetividades na contemporaneidade. Nesse sentido, o artigo justifica-se por trazer à tona reflexões essenciais sobre os mecanismos que sustentam essas desigualdades e o impacto que exercem sobre os indivíduos, especialmente sobre aqueles pertencentes a grupos historicamente marginalizados.

A partir de Foucault (2012) comprehende-se que as relações de poder, em suas diversas manifestações, são inerentes à condição humana e atravessam todas as esferas sociais. Para o filósofo, essas dinâmicas se apresentam como elementos estruturantes das interações humanas, moldando modos de ser, sentir, pensar e viver, instituindo normas e perpetuando hierarquias. Assim, Foucault (2012), em sua análise sobre o poder, rompe com a perspectiva clássica que o localiza apenas em instituições ou figuras soberanas, propondo uma compreensão mais ampla, onde o poder é exercido por meio de uma rede de relações e atravessa todos os níveis da sociedade. Como o autor afirma, “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo, mas porque vem de todos os lugares” (Foucault, 1987, p. 89). Tal visão desafia a compreensão tradicional e nos convida a refletir sobre as dinâmicas cotidianas que sustentam desigualdades estruturais.

No contexto brasileiro, tais desigualdades estão intrinsecamente ligadas à história colonial e à perpetuação do racismo estrutural, como apontado por autores como Achille Mbembe. Em *Necropolítica* (2018), Mbembe amplia as reflexões foucaultianas ao introduzir o conceito de necropolítica, que se evidencia como o poder se exerce também pelo controle sobre a vida e a morte. Para o autor, “a necropolítica designa as diversas maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, são implantados os instrumentos de soberania com o fim de definir quem importa e quem pode ser sacrificado” (Mbembe, 2018, p. 12). Esse conceito torna-se especialmente pertinente ao analisar uma sociedade marcada por violências sistemáticas que afetam desproporcionalmente corpos negros e periféricos.

Propus a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de ‘mundos de morte’, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de ‘mortos-vivos’ (MBEMBE, 2018. p. 146).

O filme *Praça Paris* (2017), dirigido por Lucia Murat, é um retrato ficcional, mas profundamente realista, das relações de poder e desigualdades que atravessam a sociedade brasileira. A narrativa acompanha duas personagens principais: Camila, uma terapeuta portuguesa de classe média, branca e estrangeira; e Glória, uma mulher negra, periférica, que vivencia violências cotidianas tanto no âmbito familiar quanto social. O encontro entre essas duas mulheres não apenas expõe as tensões entre mundos tão distintos, mas também revela a dificuldade de superação de barreiras históricas e culturais que moldam suas respectivas subjetividades.

À luz das teorias de Foucault e Mbembe, este artigo propõe uma análise das relações de poder apresentadas no filme, explorando como elas são expressas em diferentes âmbitos: nas dinâmicas familiares, nas interações sociais e institucionais, e na produção de saberes. A escolha de abordar o filme a partir dessas perspectivas teóricas não apenas contribui para uma compreensão mais profunda das experiências retratadas, mas também lança luz sobre as estruturas que perpetuam desigualdades. Como observa Foucault (1987, p. 27), “o poder produz saber e, ao mesmo tempo, o saber reproduz relações de poder”, o que nos leva a questionar como tais relações podem ser transformadas ou subvertidas.

A análise das interações entre Camila e Glória também demonstra as limitações das instituições formais, como a psicologia, em abordar contextos marcados por violências estruturais. Como aponta Franco e Barbosa (2018, p. 45):

A prática clínica no Brasil ainda enfrenta o desafio de dialogar com as experiências de sujeitos que vivem à margem das políticas de proteção social, revelando a necessidade de um saber que ultrapasse as fronteiras do acadêmico.

Nesse sentido, o filme é uma reflexão poderosa acerca das lacunas entre o saber teórico e as vivências práticas, e sobre como o privilégio de classe e cor influencia a compreensão e a abordagem dessas experiências.

Portanto, ao abordar as dinâmicas macropolíticas e micropolíticas¹ presentes em *Praça Paris*, este artigo busca não apenas compreender as relações de poder representadas na narrativa, mas também provocar reflexões sobre a reprodução dessas dinâmicas na sociedade brasileira contemporânea. Tal reflexão torna-se ainda mais urgente em um país que segue profundamente marcado pelas consequências de sua história colonial e pelas violências do presente.

O Poder como Rede de Relações

Michel Foucault redefine o conceito de poder como uma “relação de forças” que se distribui em todas as esferas da vida social, ultrapassando os limites das instituições específicas. Ele enfatiza que o poder “não é algo que se possui, mas que se exerce” (Foucault, 2012, p. 7-8) e se manifesta como uma rede onde todos estão, simultaneamente, submetidos e exercendo algum grau de influência (Foucault, 1988).

No filme, essa perspectiva é nitidamente visível nas dinâmicas familiares de Glória, em que o poder se expressa em múltiplas formas, especialmente na opressão imposta pelo pai e pelo irmão. As interações entre Glória e os membros masculinos de sua família ilustram o que Foucault denomina como “micropoderes”, ou seja, pequenos atos cotidianos que reforçam estruturas maiores de dominação. Nesse sentido, o poder patriarcal que emerge da figura do pai e do irmão de Glória reflete a internalização e a perpetuação das desigualdades de gênero. Como Foucault (1984, p. 244) afirma, “o poder é produtivo e capilar, funcionando por meio de práticas, discursos e mecanismos que produzem sujeitos e saberes”.

A violência, tanto física quanto simbólica, praticada pelos homens da família de Glória revela o caráter disciplinar do poder, que não apenas reprime, mas molda comportamentos, reforçando a submissão feminina. Essas práticas encontram ressonância nos dispositivos de controle descritos por Foucault,

*** De acordo com Félix Guattari, em suas obras, especialmente em parceria com Gilles Deleuze (*Mil Platôs*), os conceitos de **micropolítica** e **macropolítica** são formas distintas, mas interconectadas, de compreender e analisar as dinâmicas de poder, subjetividade e organização social. A macropolítica refere-se às estruturas e instituições sociais de larga escala que organizam e regulam as relações de poder. A macropolítica é marcada por regras, normas, leis e hierarquias visíveis que operam no nível institucional. É, muitas vezes, associada ao funcionamento do poder em sua forma mais tradicional, como o exercício do poder de Estado ou a administração pública. A micropolítica, por outro lado, refere-se às forças, relações e dinâmicas que operam no nível das subjetividades e dos pequenos coletivos. É o campo onde os desejos, os afetos, os comportamentos e as interações cotidianas influenciam e moldam as configurações de poder.

que atuam para normatizar e regulamentar corpos e identidades. No caso de Glória, sua experiência de opressão também é um reflexo de um discurso social maior que legitima e naturaliza o controle masculino sobre as mulheres, o que pode ser lido como uma “tecnologia de poder” (Foucault, 1988).

Por meio desse diálogo entre o filme e a teoria foucaultiana, torna-se evidente que as relações familiares não são apenas relações afetivas, mas também espaços onde o saber-poder opera, produzindo e reproduzindo as desigualdades estruturais de gênero.

Além das relações de saber-poder atravessarem as questões estruturais de gênero, a partir da concepção de poder em Foucault (1988), que enfatiza que mais que o seu caráter opressor é preciso olhar para a sua operação produtiva, ou seja, a sua dimensão de produzir corpos e modos de ser e estar no mundo, é preciso olhar para a complexa relação entre Glória e Camila, que escapa da opressão direta e assume contornos mais ambivalentes de saber-poder.

Entre Glória e Camila, o poder se manifesta de maneira multifacetada, envolvendo tensões entre submissão e resistência, cuidado e controle. Camila, ao se apresentar como um refúgio emocional e afetivo para Glória, estabelece uma relação que Foucault descreve como “uma modalidade de poder que atravessa o saber” (Foucault, 1988, p. 36). Nesse caso, Camila desempenha o papel de alguém que detém um “saber alternativo”, criando para Glória a possibilidade de resistir às práticas opressivas de sua família patriarcal. Ao mesmo tempo, essa relação não está isenta de dinâmicas de poder, uma vez que Camila também molda, intencional ou involuntariamente, as escolhas e percepções de Glória.

Foucault (1988, p. 27) argumenta que “o poder produz saber e, inversamente, o saber também confere poder”. No filme, Camila representa uma figura que questiona as normas tradicionais impostas a Glória, introduzindo novos discursos e práticas que desafiam a hierarquia patriarcal. Por exemplo, ao encorajar Glória a buscar autonomia e independência, Camila age como uma mediadora de resistência, inserindo Glória em um espaço de transformação pessoal. No entanto, as vivências narradas e trazidas em consulta por Glória trazem à tona um campo de experiência e saber que não se enquadram nos parâmetros acadêmicos, mas que é igualmente essencial para compreender a realidade social brasileira. De outro lado, a incapacidade de Camila de captar essa dimensão aponta para a exclusão histórica de saberes não ocidentais, não acadêmicos ou que emergem das vivências de grupos marginalizados. Essa exclusão é uma forma de perpetuar a colonialidade do saber.

A psicóloga Camila representa um saber institucionalizado, frequentemente associado a estruturas de poder que delimitam o que é considerado válido ou legítimo. A psicologia, enquanto disciplina, desempenhou, do ponto de vista histórico, um papel importante na normatização de comportamentos e na categorização de subjetividades, muitas vezes reforçando desigualdades. A posição de Camila como psicóloga, branca e europeia reflete essa hierarquia do saber, onde o conhecimento acadêmico é apresentado como a única via legítima de compreensão e solução de problemas.

Assim, a interação entre Camila e Glória também pode ser lida como um reflexo do racismo estrutural e epistemológico. O conhecimento de Camila está ancorado em paradigmas que ignoram ou subestimam as realidades de pessoas negras e de classes populares. Glória, por sua vez, encarna uma resistência a essa invisibilização, expondo as lacunas e os preconceitos embutidos nesse saber.

Essa dualidade reflete a ideia de que “onde há poder, há resistência” (Foucault, 1984, p. 95). Glória resiste não apenas ao controle explícito de sua família, mas também às expectativas de Camila, que, embora não sejam opressivas, ainda participam da dinâmica de moldar subjetividades. Assim, a relação entre as duas mulheres mostra que as práticas de poder não precisam de serem violentas ou coercitivas para serem efetivas; elas também podem manifestar-se em formas mais sutis e positivas, mas ainda assim operam dentro de redes de saber-poder.

Por fim, a relação entre Camila e Glória reflete a produção de saberes como ferramenta de poder. Camila, psicóloga, ocupa uma posição de autoridade e privilégio, mas sua incapacidade de compreender plenamente a realidade de Glória expõe os limites do saber acadêmico diante das vivências marginalizadas. A relação entre ambas ilustra a tensão entre um saber circunscrito a uma lógica hegemônica e a resistência

de Glória, que desafia a visão convencional e colonial de resolução de problemas. A resistência de Glória não se dá apenas no campo discursivo, mas também na forma como ela vive e interpreta sua realidade. Com seu corpo, sua pele e suas vivências, Glória desafia a tentativa de Camila de enquadrá-la dentro de categorias preexistentes. Essa relação evidencia que o poder-saber não é unilateral; ele é sempre contestado por forças que o tensionam e desestabilizam (Foucault, 2004).

Necropolítica e racismo no Brasil

Enquanto as estruturas de poder continuarem a sustentar narrativas que marginalizam as experiências negras, o racismo continuará a ser reproduzido, muitas vezes sem ser questionado (Bell Hooks, 2019).

A análise de Achille Mbembe sobre necropolítica amplia a compreensão foucaultiana de biopoder ao examinar as maneiras pelas quais o Estado exerce controle não apenas sobre a vida, mas também sobre a morte, decidindo quem é digno de viver e quem está condenado à vulnerabilidade ou à aniquilação (Mbembe, 2018). Essa perspectiva é fundamental para entender as dinâmicas de poder e exclusão no filme *Praça Paris*, especialmente nas relações entre Camila e Glória.

A **necropolítica**, conceito desenvolvido por Achille Mbembe, trata do poder de determinar quem pode viver e quem deve morrer, ou seja, do controle soberano exercido por estados e instituições sobre a vida e a morte de populações. Em seu ensaio *Necropolítica* (2018), Mbembe amplia as ideias de Michel Foucault sobre biopoder, no qual se refere ao controle da vida e dos corpos pela política, ao introduzir uma perspectiva focada na morte e na violência. Para Mbembe, a necropolítica manifesta-se em contextos de extrema desigualdade, violência sistêmica e exclusão social, onde o Estado (ou outras formas de poder) exerce sua soberania pela capacidade de decidir quais vidas são protegidas, valorizadas e vivíveis, e quais são descartáveis.

Mbembe (2018) sugere que a necropolítica não é restrita a regimes totalitários ou coloniais. Ela se manifesta em democracias liberais contemporâneas por meio de práticas que desumanizam e precarizam vidas específicas. Em sociedades marcadas pelo racismo estrutural, como o Brasil, a necropolítica pode ser vista na violência policial contra populações negras e periféricas, na negligência em políticas públicas e na desigualdade no acesso à saúde e outros direitos básicos.

No contexto do filme, a necropolítica se manifesta de forma explícita e implícita nas desigualdades raciais e econômicas e nos discursos de controle e cuidado manifesto pelas relações de saber-poder entre Camila e Glória. Camila, como mulher branca e de classe média, está situada em uma posição de privilégio que a protege das violências estruturais. Sua posição é assegurada por um aparato estatal e social que valoriza seu corpo e sua subjetividade. Por outro lado, Glória, uma mulher negra periférica, é continuamente exposta a processos de vulnerabilização, como a violência estatal e o preconceito social. Mbembe (2018) ressalta que, sob a lógica necropolítica, as vidas negras são frequentemente relegadas a um estado de desvalorização, em que sua existência é constantemente ameaçada, seja pela força policial, seja pelo abandono social.

Essas dinâmicas podem ser observadas na forma como Glória é tratada em espaços sociais e institucionais. Enquanto Camila é vista como uma figura de autoridade e credibilidade, Glória é encarada com desconfiança e marcada pelo estigma associado à sua condição social e racial.

Mbembe (2018) destaca que a necropolítica enquanto prática de governo das populações se estrutura e se fundamenta a partir do racismo estrutural, principalmente em países que têm em seu lastro o passado de colonização. O **racismo estrutural** é um conceito que descreve como o racismo está profundamente enraizado nas estruturas sociais, políticas e econômicas, permeando as instituições e moldando as relações sociais de forma a perpetuar desigualdades raciais. Ele não se manifesta apenas

em atitudes individuais, mas é reproduzido sistematicamente por práticas, leis e políticas que privilegiam determinados grupos raciais em detrimento de outros. Segundo Davis (2016), o racismo estrutural não opera apenas como uma série de preconceitos individuais, mas como um sistema que organiza a sociedade de forma hierárquica, relegando pessoas negras a posições de subalternidade e exclusão. Essa hierarquia racial fica evidente na relação das protagonistas e no tratamento dado às questões de Glória. Acerca da forma de funcionamento do racismo no Brasil, Kabenguele Munanga (2017, p. 40) afirma:

Todos os racismos são abomináveis, são crimes, mas eu achei que o racismo brasileiro é um crime perfeito partindo da ideia de um judeu prêmio [Nobel] da Paz que disse uma vez que o carrasco mata sempre duas vezes, a segunda pelo silêncio, e nesse sentido achei o racismo brasileiro um crime perfeito. É como um carrasco que você não vê te matando, está com um capuz; você pergunta pelo racista e você não encontra, ninguém se assume, mas o racismo e a discriminação existem. Esse racismo matava duas vezes, mesmo fisicamente, a exclusão e tudo, e matava a consciência da própria vítima. A consciência de toda a sociedade brasileira em torno da questão, o silêncio, o não dito. Nesse sentido, era um crime perfeito, porque não deixava nem a formação de consciência da própria vítima, nem a do resto da população através do chamado mito da democracia racial [...].

Além disso, as abordagens policiais no filme reforçam essa lógica necropolítica, evidenciando como o Estado exerce controle seletivo sobre corpos racializados. A violência policial, direcionada de forma desproporcional a comunidades negras e periféricas, é um reflexo direto do racismo estrutural. Segundo Vargas (2010), a polícia opera como um dos principais instrumentos de manutenção das hierarquias raciais, legitimando a morte de determinados grupos em nome da segurança pública. Glória, como moradora de uma comunidade periférica, está constantemente sob ameaça dessa violência, ao contrário de Camila, que está protegida por sua posição social e racial.

No filme, a relação entre Camila e Glória também pode ser interpretada como uma microrrepresentação da necropolítica. A incapacidade de Camila de compreender as vivências de Glória reflete a lógica colonial que separa os corpos “civilizados” dos “perigosos” ou “disfuncionais” (Mbembe, 2018). Essa separação é reforçada por um saber hegemônico que desconsidera as epistemologias produzidas nas margens sociais. Camila tenta interpretar Glória a partir de uma lógica normativa, desconsiderando o contexto de opressões que molda sua subjetividade.

Em suma, a perspectiva de Mbembe (2018) é essencial para analisar *Praça Paris*, pois permite compreender como a necropolítica e o racismo estrutural atravessam as relações interpessoais e institucionais no filme. As interações entre Camila e Glória, bem como os episódios de violência estatal, revelam a persistência de uma lógica que privilegia determinadas vidas enquanto vulnerabiliza outras, refletindo as hierarquias raciais e econômicas que estruturam a sociedade brasileira.

Considerações finais

A análise de *Praça Paris* demonstra como o cinema pode atuar como uma lente crítica para explorar as dinâmicas de poder e exclusão que estruturam a sociedade brasileira. As desigualdades de classe e raça, tão profundamente enraizadas no contexto nacional, encontram no filme uma representação que vai além do óbvio, ao abordar as relações interpessoais como microcosmos de sistemas sociais mais amplos. A partir das teorias de Foucault e Mbembe, compreendemos como o poder opera de forma capilar, reproduzindo desigualdades não apenas por meio de instituições formais, mas também nas interações cotidianas, como aquelas entre Camila e Glória.

Nesse sentido, o filme não apenas denuncia as estruturas de opressão, como também evidencia seus

efeitos subjetivos. Glória, marcada pela violência do racismo estrutural e pela necropolítica, incorpora as vivências de quem está constantemente exposta à precariedade e ao abandono, enquanto Camila, protegida por seu lugar de privilégio, simboliza o distanciamento das elites em relação às realidades marginalizadas. Essa relação, marcada pelo medo e pela desconfiança, reflete as barreiras históricas que separam os mundos das duas protagonistas, reforçando a lógica de segregação que atravessa o tecido social brasileiro.

Além disso, a tensão entre o saber acadêmico e os saberes marginalizados, evidenciada no filme, convoca uma reflexão crítica sobre a colonialidade do conhecimento. A exclusão de epistemologias periféricas mantém vivas as dinâmicas coloniais em sociedades contemporâneas, perpetuando hierarquias que silenciam vozes subalternas. Glória, ao resistir às interpretações de Camila, desafia essa lógica e reivindica o direito de narrar sua própria experiência, subvertendo as tentativas de enquadrá-la em categorias pré-definidas.

No filme, a interação entre Camila e Glória pode ser vista como uma manifestação sofisticada, sutil, porém não menos violenta, da necropolítica. A dificuldade de Camila em compreender as experiências de Glória é reveladora da lógica colonial que estabelece uma divisão entre corpos “civilizados” e aqueles considerados “perigosos” ou “disfuncionais”. Essa divisão é sustentada por um saber dominante que ignora os conhecimentos e perspectivas originados nas periferias sociais. Camila busca entender Glória a partir de uma lógica normativa, negligenciando o contexto de opressões, mas também de potência que moldam e permeiam a sua subjetividade.

Por fim, *Praça Paris* não oferece respostas simples ou soluções definitivas. Ao contrário, o filme expõe a complexidade das relações humanas em um cenário marcado por desigualdades extremas, mas também por possibilidades de resistência e reconfiguração. O encontro entre Camila e Glória, embora permeado por tensão, aponta para a necessidade urgente de repensar as dinâmicas de poder que moldam nossas sociedades. Nesse sentido, o filme cumpre um papel fundamental: provocar o espectador a questionar as estruturas que sustentam as desigualdades e a imaginar formas mais justas de convivência e solidariedade.

A narrativa de *Praça Paris* reforça que a transformação social exige não apenas a desnaturalização das opressões, mas também o reconhecimento das subjetividades que resistem e sobrevivem em meio às adversidades. Como obra artística, o filme se coloca como um convite ao debate e à ação, iluminando as contradições de uma sociedade profundamente desigual e apontando para a urgência de mudanças estruturais.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

- DANTAS, S.; FERREIRA, L.; VEAS, M. P. B. Um intérprete africano do Brasil: Kabenguele Munanga. *Revista USP*, n. 114, p. 31-44, 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/142366/137498>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- DAVIS, A. **Racismo estrutural:** uma crítica ao sistema de opressão racial. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.
- FOUCAULT, M. Outros espaços. In: FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel de Barros de (Org.). **Estética:** literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422. (Coleção Ditos e Escritos, 3).
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito:** curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio Alves da

- Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1984.
- FRANCO, L. D. F.; BARBOSA, M. L. **A prática clínica e os desafios da inclusão social**. São Paulo: Vozes, 2018.
- GROSFOGUEL, R. Decolonialidade e pluriversalidade: um projeto epistêmico-político a partir do Sul Global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.); MENESSES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2016. p. 455-491.
- GUATTARI, F.; DELEUZE, G. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia – Vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1995.
- HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- MUNANGA, K. As ambigüidades do racismo à brasileira. In: KOM, N. M. (Org.); SILVA, M. L. (Org.); ABUD, C. C. (Org.). **O racismo e o negro no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 33-44.
- PRAÇA Paris. Direção: Lúcia Murat. Produção: Felicitas Raffo, Luis Galvão Telles e Lucia Murat. Rio de Janeiro: Taiga Filmes, 2017. Disponível em: <http://taigafilmes.com/pracaparis/>. Acesso em: 3 out. 2024.
- PRANDINI, P. Branquitude em cena: olhares em torno do filme Praça Paris. **Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, v. 8, n. 1, p. 15, jan./jun. 2019.
- VARGAS, J. **Genocídio racial e Estado brasileiro**: a violência racializada de jovens negros. São Paulo: Perspectivas, 2010.